20 de Setembro de 2021

mexezine

1

MODO DE UTILIZAÇÃO

O desafio de ser humanos?
Mariana Eugénio 2-3

EDITORIAL
Hugo Cruz 4

Carta do Porto a Lisboa e Viseu

Álbum de família NO FEMININO
6-7

Foto-legenda (6)

Classificados

Humanos

Mariana Eugénio

É preciso uma aldeia para nos recriarmos

O Mexe está de volta e celebra 10 anos de existência! Após um período tão complexo e "comum" a toda a humanidade, o Mexe não perde as suas caraterísticas estruturais, e envolve-nos uma vez mais num espírito crítico e questionador sobre os tempos que vivemos, desta vez através do "Risco". É entre o risco e o comum, entre a sustentabilidade e utilidade que as práticas partilhadas entre a arte, a comunidade, o espaço, entre os artistas e o público/plateia (que passa a actor/atriz a criador/a), é sobre tudo isto posto à prova numa fusão bonita, ativadora e que arrisca potencial mudança que vos escrevo.

No Mexe passado, há dois anos, partilhámos temas que nos aproximaram, e um deles foi a gravidez e maternidade através da performance "Duck March", com a artista Caterina Moroni. Até hoje o grupo que participou nas oficinas e na performance permanece unido, o que comprova a importância que o Mexe desempenha para a cultura e para a comunidade, e por essa razão felicitamos as comunidades de Lisboa e Viseu que nesta edição a nós se juntam.
O grupo das "Duck" não parou, assim como o Mexe também cresceu. Hoje somos 10 bébés e 10 mães que arriscam serem mulheres, que arriscam serem comunidade e arriscam educar humanos para um Mundo com metamorfoses tais que por vezes nos enchem de brio e outras de vergonha.

Sobre o Mexe, as Duck são perentórias e não esquecem que é um encontro aberto à rua, que potencia a apropriação e acolhe a diversidade e, com esta, novas formas de ser e estar. Se observarmos este grupo, poderemos encontrar um exemplo microscópio daquilo que pode funcionar se nos deixarmos contaminar pela arte em aliança com diferentes realidades. Este grupo – explicam a Mónica, a Sofia e a Célia –transformou-se num ciclo de cumplicidade, no qual foi possível partilhar dúvidas, angústias, criar novas amizades num estágio de vida e num tempo pouco propício para tal, mas facilitado pelos ritmos comuns da maternidade. Com a formação deste colectivo foi possível celebrar a vida com cada um dos nascimentos que iam aumentando o grupo. Cada nova vida permitiu a permanência do grupo, mas foi a arte na comunidade que nos permitiu criar esta rede de suporte e liberdade. Contava a Sofia que para ela a performance foi a "Inauguração da maternidade e do ser mulher" e que a partir desta sentiu-se mais preparada para agir como mãe e como mulher.

Sobre esta prespectiva, com a sombra a pairar sobre nós pelos factos mais recentes vindas do Afeganistão, a programação deste encontro não esquece aquilo que ainda é urgente no que respeita à igualdade género e de direitos. Para nos fazer reflectir sobre esta temática e agir temos alguns exemplos como as "As Bravas" da Pele, "Paisajes para no colorear" da companhia Teatro La Re-Sentida, da música com a "Mynda Guevera" ou do cinema com "1000 Silent Heroins".

No grupo das "Ducks" vindo da última edição, debatemos muitas vezes a pressão que mulher ainda sente em relação à maternidade e que precisamos de desconstruir. Algumas delas foram apresentadas na performance em 2019, mas muitas outras ainda estão por desmontar, como a imagem da família perfeita, as expectativas em relação ao parto ou do facto da mulher ter ainda a pressão de assumir demasiada carga e responsabilidade familiar e por isso ter de ser "sempre estoica e brava", como nos dizem a Mónica e a Sofia. Já a Célia, partilha em grupo outra visão importante sobre este tema: "o risco de ser mãe agora, é ser mulher depois", como se resgata a individualidade da mulher que tantas vezes deixa de ser chamada pelo seu nome e passa a ser chamada por "mãe"?

Em diferentes momentos em que estamos em grupo, presencialmente ou online, reforçamos a importância que a "Duck March" desempenha na representação de nós próprias, de aprendermos em conjunto e trazermos para as diferentes mesas estes e outros temas que curiosamente esta edição do Mexe também nos traz, como o futuro e com ele a tecnologia ou a sustentabilidade ambiental.

Neste risco que atravessamos, nas suas diferentes dimensões aumentadas por estes anos de pandemia, o Mexe ultrapassa muitas vezes o sonho. Recordamos hoje o provérbio sublinhado na performance da "Duck March": "É preciso uma aldeia para criar uma criança!". Eu vou mais longe e penso que é preciso uma aldeia para nos recriarmos. Hoje, estando o Mexe mais possível porque já está a acontecer, temos mais uma vez a oportunidade, de pelo menos durantes estas semanas, e em três cidades, de sermos comunidade, de reflectirmos que tipo de risco nos permitirmos correr e que tipo de ser humano queremos ser e criar. Se quiserem aproveitar o exemplo das Duck, que hoje vos trago, podem fazer o Mexe prevalecer e transformar-se por muito mais tempo. Um bom encontro para todxs!

editorial

o risco de sermos humanos

Hugo Cruz
Diretor Artístico MEXE

Para viver o risco de sermos humanos ganhamos fôlego na urgência de produzir intimidade, cuidado e reparação – ideias que serão discutidas nesta edição – que nos alimentam o futuro.

Na edição em que assinalamos dez anos de existência pode-se afirmar que nunca foi tão desafiante pensar e fazer junto, dialogar, aproximar e persistir. As circunstâncias em que vivemos tornam o exercício de construir um encontro com as características do MEXE numa intensa tarefa quotidiana de experimentar equilíbrios, combater cansaços, questionar e consolidar princípios, dissipar confusões, gerar dispositivos de intimidade e imaginar outras configurações para o fazer e o ser.

Quando em 2020, nos espaços de fórum de discussão que nos permitem definir um tema para cada edição, optávamos por – "O Risco" – estávamos longe de saber os múltiplos significados que este ganharia ao longo do desenvolvimento desta proposta. Tem sido, no entanto, nesse risco, e na fragilidade que lhe está associada, que nos temos encontrado – equipa, cidadãos/ãs, comunidades locais, artistas, parceiros/as e entidades promotoras/financiadoras – adaptando-nos e reinventando-nos procurando não perder, no entanto, o sentido ético e estético que nos norteia.

É com foco na necessidade de viver o risco, nas suas facetas múltiplas, que em Julho de 2021, momento em que apresentamos este programa, insistimos em fazer presente sem saber como será o MEXE real em Setembro de 2021. Mas é, justamente, o risco que nos mobiliza à cocriação e que aceitamos continuar coletivamente a correr. Assumindo a indefinição, a instabilidade, o medo bloqueador e o controlo que já se viviam, aspetos atualmente agravados pela pandemia, suportamo-nos na convicção da importância reforçada do confronto, da dissonância, da escuta e da diferença na criação artística, na ação política, na discussão democrática e na vivência comunitária.

Este programa, que continua a ser praticamente todo de acesso gratuito, procura amplificar preocupações e desafios, permitindo que as realidades sociais falam por si, convocando estéticas distintas sem imposições hierárquicas cristalizadas e outras maneiras de fazer do ponto de vista artístico e comunitário. Nesta construção, experimentamos a produção de distintas configurações de encontro entre criações e públicos, comunidades e espaços, instituições e processos de criar e programar, protagonistas formais e informais. Empenhamo-nos na produção de micropolíticas do sensível e da atenção, reforçando a aposta em processos originais e em estreias. As propostas programáticas aqui apresentadas convocam-nos a expandir os limites do pensável e do imaginado. Para isso propõe-se o cruzamento dos contributos da tecnologia e do pensamento científico, perspectivando as comunidades para além do humano, aprofundando outras relações possíveis com a natureza e procurando construir espaço de afirmação para "invisibilidades" que refletem desigualdades sociais, agravadas pela pandemia.

Este é também, e naturalmente, o espaço para agradecer a coragem de continuarmos a ser humanos e de nos arriscarmos na procura de possibilidades para não o deixarmos de ser, experimentando, inclusivamente, o expandir dessa vivência. Fazemos o MEXE conscientes da necessidade de assumir o risco para podermos avançar na reivindicação diária da nossa humanidade numa outra relação connosco, com os outros e com as comunidades não humanas. Fazemos, em 2021, o MEXE com a convicção de que a imaginação artística e comunitária são em si mesmo atos políticos porque experimentam e concretizam mundos, hoje, ainda impossíveis.Estamos a MEXER.

Porto, setembro de 2021

Queridos novos companheiros do MEXE em Lisboa e em Viseu,

Recordam quando nos escreviam "espero que estas linhas te encontrem aí e aos teus de boa saúde"? Palavras em papel quebradiço, com caligrafias prolongadas que adivinhavam esperas indetermináveis? Hoje, quando recebemos um e-mail que começa com um "espero que estejas bem", não sentem que algo se banalizou, que o cuidado reparo deixou de ser cuidado?

Queremos saber como estão, queremos estar convosco, queremos "gerar dispositivos de intimidade e imaginar outras configurações para o fazer e o ser".

Escrevemo-vos com duas perguntas: como podemos (volta a) estar próximos? E como transformar a proximidade numa construção comum?

Esperamos respostas, esperemo-vos bem!

MEXE Porto

Álbum de Família

Classificados

O **SABOR VISCERAL DO FUTURO** é cozinhado por moradores do bairro das Fontaínhas com ingredientes para seduzir o paladar mas também a imaginação, as memórias e os afectos. Esta é uma performance participativa do Colectivo BOCA.

MYNDA GUEVARA

A MUDJER NA RAP

Mynda Guevara é uma rapper, poeta, activista dos direitos humanos que partilha o seu mundo, o bairro da Cova da Moura, com o poder do feminino, como canta em *"Nha Mundo"*. A *"Mudjer na rap"* fez-se ouvir no concerto de abertura do Mexe21.

VIOLÊNCIA E FEMININO

Como é acolhida a normalização da violência de género? Esta é apenas uma das questões levantadas em "Paisajes para no colorear". Peça de Marco Layera onde se relatam actos de violência praticados contra adolescentes do sexo feminino do Chile e da América Latina. Depois do Porto, a peça apresenta-se no Teatro Viriato, em Viseu, a 24 de Setembro.

esta MEXEZINE é produzida no âmbito do MEXE 6

pele

mexe
ASSOCIAÇÃO CULTURAL

EDITORIAL Cláudia Galhós. DESIGN Irina Pereira e Joana Carneiro DISTRIBUIÇÃO Estúdio Comunitário OUPA Cerco (a receita reverte na totalidade para esta associação) EDITORAS Antónia Honrado, Isabel Campante, Maria Gil, Mariana Eugénio e Raquel Melo

Passa-Palavra:

A natureza é um estado fluído

Cultura e corpo como espaço de tensão e disputa quotidiana

Somos todos queer

Gerar dispositivos de intimidade

Sociedades trans-espécies

Perspectivando as comunidades para além do humano

Políticas de privacidade

O que é um artista cyborg?